

8 de Junho 2020  
Segunda-feira  
Semanário - Ano 5  
Nº 212  
Director-Geral  
Evaristo Mulaza



ARRESTO AGRAVA CRISE NA REDE DE SUPERMERCADOS

# Candando encerra metade das lojas e manda 1.000 para o desemprego

**DESPEDIMENTOS EM MASSA.** O Grupo Candando, que controla a rede de supermercados Candando, prepara-se para encerrar pelo menos metade das lojas, decisão que deve levar para casa 50% dos dois mil trabalhadores nos próximos dias. A confirmação é da empresária Isabel dos Santos que justifica a medida com as dificuldades criadas pelo arresto decretado pelo Tribunal de Luanda, em Dezembro do ano passado. Pág. 11



VICTOR ALVES, EMPRESÁRIO

**“Temos todos de lutar para vencer a tempestade, os que têm e os que não têm razão”**



Págs. 4 e 6

## PME de serviços com acesso ao Prodesi

O Ministério da Economia e Planeamento admite estender as facilidades de financiamento do Prodesi às pequenas e médias empresas dos serviços e do comércio. A promessa é de Sérgio Santos, segundo a presidente da União dos Pequenos e Médios Empresários, que reuniu com o ministro. Pág. 11



### CUSTOS DE REABILITAÇÃO

#### PR autoriza mais 559 milhões kz para casas do Calumbo

Novo desembolso junta-se aos 24,9 milhões de dólares gastos na compra dos 200 imóveis que darão “resposta a graves calamidades de saúde pública”. João Lourenço mandou também desbloquear mais de 33,9 milhões de kwanzas para a construção no terreno infra-estruturado da circunscrição. Pág. 24

PELO GOVERNO DE LUANDA

## Documentos provam tratamento preferencial à Cuca

Pág. 10

## Contratos públicos com pagamentos iniciais de 50%

Pág. 24

## A VÍTIMA

**É** verdadeiramente perturbador o ritmo com que milhares de angolanos são lançados ao desemprego diariamente. Ainda que não surpreendam, apesar de antecipados, os números são arrasadores. É o inevitável choque da realidade.

Na última semana, a Folha de Informação Rápida do Instituto Nacional de Estatística (INE) contabilizava um aumento de 2,3% do desemprego no primeiro trimestre do ano para mais de 4,7 milhões de pessoas. A comparação é feita aos resultados do último trimestre de 2019. A taxa oficial de angolanos em idade activa sem emprego agora é de 32%. E as contas começam pelos 15 anos. Em termos precisos, entre Janeiro e Março, mais de 100 mil angolanos com 15 ou mais anos deixaram de ter uma fonte de renda.

É um tremendo pesadelo. Sobretudo se partirmos do princípio que há uma reconhecida, ainda que desconhecida, distância entre os números oficiais e os números reais. Mas por outras razões também. A notícia que faz manchete neste número 212 do VALOR antecipa que a rede de supermercados Candando vai mandar para casa pelo menos mil trabalhadores e encerrar metade das oito lojas que construiu desde 2016. É apenas um exemplo expressivo dos vários que vão alterar necessariamente para pior os próximos gráficos do INE. Quando o Instituto apresentar o balanço do segundo trimestre, em finais de Julho, o mais certo é que os dados se tornem ainda mais assustadores. Até porque, em sentido contrário, não acontece rigoro-



samente nada que compense a destruição dos empregos, com a criação de uns poucos novos. No máximo, o que algumas empresas ainda vão conseguindo é manter alguns postos de trabalho para não fecharem completamente as portas. Mas este esforço dos empresários tem limites óbvios, porque, em muitos casos, é feito com a consciência de que só se está a adiar o inevitável: o encerramento das empresas. Alternativas não existem. Os apelos múltiplos da classe empresarial ao Governo, no fundo, são feitos com a certeza de que este nada pode fazer. É um exercício estéril de exclusão de hipótese, senão de limpeza de consciência.

Talvez hoje não restem mais dúvidas até aos mais optimistas. Quando João Lourenço terminar o mandato, estarão

destruídos muitos mais postos de trabalho do que os que prometeu criar. E, ainda que seja uma desculpa perfeita, a culpa não será apenas da pandemia. A equipa de João Lourenço manteve a economia de rastos até antes de Março e as políticas especificamente direccionadas ao emprego, como o PAPE, anteciparam-se como um gigantesco fracasso.

Mas não são apenas as políticas de emprego que não criaram empregos. Exemplos como o antecipado encerramento das lojas do Candando reafirmam outras causas de destruição do emprego com fundamentos mais absurdos. Explicam a cegueira e a arrogância dos que teimam em não perceber que o alegado combate à corrupção não pode fazer dos mais vulneráveis, mais uma vez, a principal vítima.



### FICHA TÉCNICA

**Director-Geral:** Evaristo Mulaza  
**Directora-Geral Adjunta:** Geralda Embaló

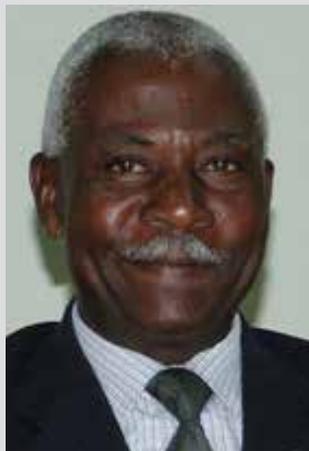
**Editor Executivo:** César Silveira  
**Redacção:** Antunes Zongo, Isabel Dinis, Júlio Gomes, Guilherme Francisco e Suely de Melo  
**Fotografia:** Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca  
**Secretária de redacção:** Rosa Ngola  
**Paginação:** Edvandro Malungo, Francisco de Oliveira e João Vumbi

**Revisores:** Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló  
**Colaboradores:** Cândido Mendes, EY e Mário Paiva  
**Propriedade e Distribuição:** GEM Angola Global Media, Lda  
**Tiragem:** 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15  
**GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:** Geralda Embaló e Evaristo Mulaza  
**Assistente da Administração:** Geovana Fernandes  
**Departamento Administrativo:** Jessy Ferrão e Nelson Manuel

**Departamento Comercial:** Geovana Fernandes  
**Tel.:** +244941784790-(1)-(2)  
**N° de Contribuinte:** 5401180721  
**N° de registo estatístico:** 92/82 de 18/10/82  
**Endereço:** Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514  
**E-mail:** administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

# A semana

## 3 PERGUNTAS...



**FERNANDO GOMES**, dirigente da FNLA

**A ala da FNLA liderada por si convocou congresso para este ano. Não é ilegal, dado que a ala legalmente reconhecida é a de Lucas Ngonda?**

O acórdão 591 do Tribunal Constitucional (TC) demonstra que somos reconhecidos. No acórdão, o TC deixa claro estar apenas preocupado com a união. O tribunal não terá outra hipótese, porque o doutor Ngonda não consegue convocar um congresso, por não reunir o quórum de 50%+1 do Comité Central (CC).

**As possibilidades de convergência estão esgotadas?**

Já tentámos, mas o doutor Ngonda procura sempre fazer alianças obscuras e elabora comunicados alheios às decisões tomadas pelo CC. Portanto, ele já não goza de credibilidade, tanto é que não tem conseguido justificar à PGR o desaparecimento de fundos do partido, sob sua gestão desde 2010.

**Objectivamente, não acha que a FNLA não pode mais lutar pelo poder?**

A FNLA não só perdeu a vocação de poder, como ficou sem carácter de um partido político. Deve ser mais um centro de branqueamento de capitais e de tráfico de influência. Ao contrário de Lucas Ngonda, o nosso objectivo é salvar a FNLA do risco eminente de extinção.

## 02

TERÇA-FEIRA

O BPC cede à empresa Recredit 80% do crédito malparado, estimado em 951 mil milhões de kwanzas. A assinatura do contrato de cedência da carteira do crédito malparado foi feita pelos gestores das duas instituições.

## 03

QUARTA-FEIRA

A fase preliminar da construção da Refinaria de Cabinda já está finalizada, com a conclusão da desminagem, limpeza e tratamento dos 38 hectares onde está a ser implantada a infra-estrutura, cujo término está previsto para 2023.

## 04

QUINTA-FEIRA

O BPC vai despedir 1.600 dos 4.820 trabalhadores até 2022, no âmbito do plano de recapitalização e reestruturação, segundo a administração do banco, em conferência de imprensa.



## 25

### SEGUNDA-FEIRA

Os custos para a contratação de médicos cubanos para Angola ascendem a 79,6 milhões de dólares. Segundo um despacho presidencial que autoriza a realização da despesa, a contratação destes especialistas visa assegurar a assistência médica às populações e formar profissionais nacionais.

## 05

SEXTA-FEIRA

A Caixa de Segurança Social das FAA prepara-se para reactivar, este ano, duas das nove fábricas financiadas pela instituição em 2004. Trata-se das fábricas de água mineral que estiveram paralisadas por má gestão.



## 30

SÁBADO

O médico português Francisco Pavão considera que Angola “fez a diferença” ao adoptar, com antecipação, medidas de prevenção e combate à covid-19, salientando que a população está também “mais preparada” para viver com epidemias.



## 31

DOMINGO

O departamento de estudos económicos do Standard Bank considera que Angola deverá manter-se em recessão neste e no próximo ano, podendo prolongar o crescimento negativo até 2023, devido à covid-19 e ao petróleo barato.



### COTAÇÃO



#### BOLSAS EUROPEIAS ARRANCAM SEM DIRECÇÃO...

Depois de duas semanas a iniciarem com saldos positivos, os principais índices das bolsas europeias arrancam a semana em tons diferentes. O pan-europeu Stoxx Europe 600 registou uma queda de 0,32%, enquanto na Bolsa de Frankfurt, o índice de referência DAX também arrancou a semana no vermelho ao cair 0,22%. Na Bolsa de Londres, o FTSE 100 ficou-se por perdas de 0,18%. Com tom verde, terminaram o FTSE MIB, da Bolsa de Milão, com alta de 0,22% e o Ibex 35, da Bolsa de Madrid, que obteve ganhos de 0,30%



#### ... NA ASIA, VERDE MARCA ARRANQUE DA SEMANA

As Bolsas asiáticas iniciaram a semana em alta atribuída à recuperação do mercado de trabalho dos EUA. O Nikkei, em Tóquio, subiu 1,37%, enquanto o chinês Xangai Composto avançou 0,24%. Já o Kospi, na Coreia do Sul, subiu 0,11%. E o Hang Seng, em Hong Kong, subiu 0,03%. Depois de na semana passada o Brent ter flutuado acima dos 41 dólares por barril, receios renovados sobre excesso de stocks e falta de eficácia dos cortes da Opep, reduziram o preço do barril no início da semana para os 40 dólares, com tendência de queda.

# Entrevista

VICTOR ALVES, EMPRESÁRIO

## “É difícil ser empresário com dívidas, com problemas, mas não estou desanimado”

Diz-se avesso à política por haver “muitas rasteiras” e considera a existência de muitos políticos empresários como um dos maiores desafios do combate à corrupção. Victor Alves critica também a existência de “muitos bancos” e confessa estar a viver a pior fase, enquanto empresário, mas acredita na recuperação.

Por César Silveira

**É** um empresário com forte presença em Benguela. Como é que os empresários desta província têm estado a conviver com a situação imposta pela pandemia da covid-19?

Todos estamos a viver um momento bastante difícil, não importa se Benguela, Luanda ou Huambo. Estamos a viver um momento, sobretudo, de expectativa. Em Benguela, estamos a seguir as medidas de segurança para evitar que esta pandemia se alastre para a nossa província. Em Luanda, todos sabemos que existem casos, nas outras províncias, não sei se existem, mas o que se sabe é que não.

**Até que ponto a cerca sanitária em Luanda impacta nos produtores de Benguela?**

Com certeza que se notam dificuldades. É natural devido às limitações no acesso e movimentação. Temos de ter fé em Deus. Já bastam os problemas que atormentam Angola, quanto mais este problema da covid-19 que está a afectar todo o mundo.

**Tem ideia do impacto, em termos de números, nas empresas aí da região?**



O impacto é muito grande, é uma paralisação total no mundo inteiro. Nós, em Angola, já estávamos a passar por momentos difíceis, esta situação veio piorar imenso, não há dúvidas nenhuma, mas temos de resistir. Em todas as empresas, o volume de vendas reduziu substancialmente. Todas estão a enfrentar o mesmo problema.

**Que opinião tem das medidas do Governo para fazer face ao impacto da pandemia. São as necessárias?**

Não são as necessárias. Teria de haver mais medidas, mas o Governo toma as medidas dentro das suas possibilidades.

**Como se encontra especificamente o sector pesqueiro, um dos mais importantes na província?**

Há dois mercados muito complicados. O sal não tem problemas, o escoamento é feito normalmente quando há possibilidade. O peixe não. De uma maneira geral, muito do peixe é pescado por via artesa-

nal que não tem câmara frigorífica, não tem congelação. Esses indivíduos passam por um problema bem maior. Vamos esperar que esta situação não se alastre por muito tempo, porque Angola não vai aguentar. Se os outros países não estão a aguentar, muito menos nós que somos país novo, a programar novas atitudes no campo agro-industrial.

**Como avalia a possibilidade de entrada da Zona de Comércio Livre depois da pandemia?**

Penso que deveriam parar um bocadinho este processo. Sabemos que não há um controlo tão grande como há na Europa, na América sobre a pandemia. Por isso, deixar circular as pessoas é deixar alastrar a pandemia.

**Pondo de parte a pandemia, acha que os empresários, as empresas e os produtos angolanos estariam preparados para a concorrência?**

Não estamos preparados, mas temos um país com grandes potencialidades. Um dos países mais belos

“O país parecia muito rico, toda a gente pensava que era só tirar, tirar e tirar. E tirar não é pôr. Mas podemos, a curto prazo, sair desta situação.”

do mundo e com capacidade para fornecer a muitos países do mundo. Temos é que desenvolver e aproveitar porque não estamos a aproveitar.

#### O que tem faltado?

Tem faltado tudo. A guerra destruiu tudo o que Angola tinha. Foi o factor número um da destruição, porque, no tempo colonial, existiam imensas fábricas. Hoje, se passar por estas fábricas, vê esqueletos. Andámos pouco mais de 30 anos em guerra. Agora estamos em paz.

#### Mas já estamos em paz há 18 anos...

Mas não se recupera a economia de um país a fim de abastecer o mundo todo, porque toda a estrutura que havia foi destruída. Agora tem de se construir uma estrutura nova. Naquela altura, tínhamos seis ou 10 milhões de habitantes, hoje somos mais de 30 milhões e toda a estrutura está destruída. A maior parte das pessoas foge do interior para as cidades. Vivem sem condições e não há país nenhum que possa dar cobertura a esta situação de um momento para o outro. Estamos a tentar reconstruir, mas há outros problemas que surgem em cima deste, que não deixam depois avançar normalmente. Estes problemas já são políticos, que envolvem muitas situações tristes que não cabem a mim estar a comentar. Mas cabe dizer que isso dificulta o desenvolvimento de Angola. E foi o que aconteceu. Parecia que estávamos a navegar num barco com alta velocidade quando estávamos a navegar num barco que nos afundou mais. Temos agora é que recuperar tudo, partindo de onde existem as potencialidades, que é nas terras. Nas terras todas de Angola, 80% da nossa terra é arável com excepção do deserto do Namibe. Mesmo no deserto também é boa.

#### Concorda com escolha de determinados produtos no âmbito da diversificação?

Angola produz tudo para tudo e para todos. No tempo antigo, éramos um país exportador, hoje somos um país verdadeiramente importador. A única coisa que exportamos é aquilo que nunca se exportou antigamente, o petróleo. Exportávamos feijão, milho, arroz, jinguba, mel. Hoje nada disso é feito. Temos, na zona do Kwanza-Norte, em Benguela e no Sumbe, condições brutais para exportar frutas. O ananás, por exemplo. O sumo de ananás é vendido em toda a parte do mundo. Não há uma única fábrica a fazer isso. Há coisas

que temos de fazer. Nunca comi fuba importada durante 60 anos e hoje só como fuba importada.

#### Há correntes que consideram um erro a fusão dos ministérios da Agricultura e das Pescas devido aos desafios colocados aos dois. Concorda?

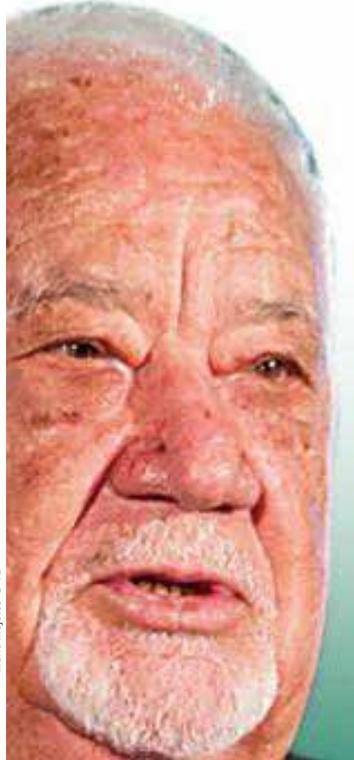
O meu entendimento é que pesca é pesca, agricultura é agricultura. A pesca é uma área que já tem muito serviço para o ministério. Agricultura também tem muito trabalho. Temos é de mudar, não podemos apoiar apenas os grandes latifundiários. Temos de apoiar também os pequeninos, porque muitos pequeninos fazem mais do que muitos grandes. Por exemplo, na minha área, que é da produção de cana. Em todas as partes do mundo, Brasil, Índia e África do Sul, os maiores produtores e plantadores são os pequenos produtores com dois, cinco, 10 hectares. Há também os grandes plantadores, mas os pequenos produzem muito mais. Posso dar também o exemplo do milho. Se, ao invés de se fazerem 10 fazendas de milho com 10 mil hectares, se fizerem dois milhões de pessoas a plantar milho, haverá muitíssimo mais milho e muitíssimo mais barato. Vejo a darem tractores às pessoas, é um erro, não são tractores, são juntas de bois, charruas. Isso é que se deve dar porque, enquanto o milho não cresce, eles estão a beber o leite. Tem de se ver bem como se fazer, as coisas não podem ser feitas de ânimo leve. Todos nós podemos ser ricos em Angola, todos nós podemos viver bem. Quando digo rico, não é rico de biliões, mas de centenas, chega.

#### Está a dizer que um dos erros cometidos ao longo dos anos foi apostar em projectos megalómanos?

Os projectos macro são necessários, mas não podemos esquecer os pequenos. Nunca nenhum projecto macro vinga sem estes projectos pequenos se implantarem.

#### E qual é a situação da sua produção de cana?

Anda um bocado parada, tive muita cana e fiz um projecto que terminei. Estou agora a aguardar o apoio. Se mo concederem, arranco porque está concluído, falta apenas ir à plantação porque a que eu tinha antigamente deixei de ter porque a cana tem validade de cinco, seis anos. Depois tem de se arrancar toda e pôr novamente. Ou fazia a fábrica, ou plantava a cana porque o apoio que me deram foi pequeníssimo.



Mário Mujiques © VE

*Não precisamos de importar álcool nem açúcar. Temos condições para o nosso consumo e para a exportação. Temos é de ter apoio.*

#### Optou pela fábrica?

Sim, porque a fábrica é toda importada. Tenho a fábrica pronta. Falta pôr a cana e mais nada. Estou a passar uma fase que nunca vivi em toda a minha vida, mas estou convencido de que vou vencer.

#### Qual é a capacidade da fábrica?

Fazemos álcool para indústrias hospitalares e para bebidas. Temos capacidade de produzir entre 50 e 70 mil litros por dia. Estamos à espera da produção da cana há dois anos. Somos empresários e estamos a precisar da ajuda para concretizar este projecto, que é uma coisa de mérito. Só há duas, a Biocom, que é muito grande, e a nossa, que se chama o RollsRoyce das fábricas do Brasil. Não é muito grande, mas é muitíssimo boa para o país.

#### Não há o risco de deterioração, enquanto aguarda pela produção da cana?

Não.

#### Quanto é necessário para o arranque?

Preciso daquilo que é preciso para arrancar que são 25 milhões. Não é muito dinheiro. Já tenho gastos mais de 100 milhões de dólares.

#### Sente sensibilidade do Governo e da banca para apoiar?

O Governo tem-se sensibilizado, ainda agora tivemos uma reunião com o governador de Benguela. O doutor Sérgio Santos, ministro da Economia, também nos prometeu apoio, conhece bem os nossos projectos. Colaborámos em tempos com a Biocom, que é uma firma muito importante e muito boa para Angola, tivemos também algum apoio da Biocom. Queremos fazer uma colaboração para podermos defender a nossa produção nacional, porque importamos 20 ou 40 milhões de litros de álcool, quando podemos produzir cá. Temos um clima igual ou melhor que o do Brasil, África do Sul ou que o da Índia. Porque é que não podemos produzir? Não precisamos de importar álcool nem açúcar. Temos condições para o nosso consumo e para a exportação. Temos é de ter apoio. Não sou empresário milionário, sou empresário pelo meu trabalho, pela minha dedicação, minha vontade. Tenho de ser apoiado.

#### Concorda que o empresário também tem culpa pela actual situação do país visto que, a determinada altura, apostou essencialmente na importação?

Não é culpa dos empresários. O grande problema é que toda a estrutura de produção e de apoio à produção deixou de existir. Antigamente, não havia nenhuma zona no interior onde não houvesse pequenas moagens. Todo o pequeno agricultor tinha o comerciante ao lado que vendia a charrua, a catana, a enxada para pagar a crédito com a produção. Hoje não. Tem de se fazer uma estrutura completa desde a raiz até ao grande empresário. Só o grande empresário não vence, podem fazer grandes fábricas. Vai fechar tudo. É uma 'bênção' este problema do petróleo para mostrar que não podemos apostar apenas no petróleo. Essa covid-19 até tem alguma 'mão de Deus', porque veio mostrar ao mundo que nós, seres humanos, temos de ter mais cuidado com a natureza. Não podemos fazer as coisas à toa.

#### E estamos a aprender com estas lições?

Vamos ter de aprender. Já aprendemos

uma coisa com a covid-19. Um vírus tão pequenininho está a aterrorizar o mundo. Está a mostrar que fazemos parte do mundo como a chuva, como o vento e como o ar. Não somos nada, estamos de passagem. Temos é de colaborar uns com os outros e é isso que não está a haver. Essa colaboração, esta dedicação, esse amor, sobretudo com a nossa Angola, é que não há. Angola precisa de muito mais carinho e ser bem aproveitada porque temos estruturas brutais. Não há hipóteses de fazermos um trabalho que não renda, vai render. Angola, por exemplo, já foi um grande exportador de banana, hoje há um ou dois importadores apenas. Os silos do Lobito foram produzidos para a exportação. Hoje estão a ser construídos no Lobito silos para a importação. Não pode, corta, não dá. Tenho 82 anos, mas sinto-me com 28 e tenho pena que o nosso país não esteja a ser aproveitado. Não vamos dizer que é o Governo. O Governo não tem nada que ver com isso. Temos de impulsionar as coisas.

**As políticas do Governo são determinantes para estimular ou desincentivar as iniciativas privadas, não? Também é verdade. Por exemplo, temos bancos a mais. Quem é o maior concorrente para o desenvolvimento do país? É o próprio Governo, porque vende título de tesouro aos bancos. Não deveria ser permitido os bancos comprarem título de tesouro.**

#### Mas o Governo precisa de dinheiro?

Então precisamos todos de dinheiro, estamos a concorrer uns com os outros. O Governo precisa de dinheiro justamente porque tem de apoiar as importações. Se houver menos importações, o Governo vai precisar de menos dinheiro. É preso por ter e por não ter cão, mas temos de escolher o que é que queremos. Ou queremos viver daquilo que é nosso, ou daquilo que é dos outros, importação, e vamos promover o desenvolvimento dos outros.

#### Falou da guerra como causa número um da situação económica actual, e a corrupção?

É um cancro que abateu o país, é lamentável, é triste. O país parecia muito rico, toda a gente pensava que era só tirar, tirar e tirar. E tirar não é pôr. Mas podemos, a curto prazo, sair desta situação. Temos é de ser menos políticos e mais traba-

*Continua na página 6*

# Entrevista

Continua da página 5

lhadores. A política é para os políticos. Nós, empresários, não temos de nos envolver na política. Não sou político nem quero ser. Quero ser empresário só.

**Diz que temos bancos a mais...**

Mas com a morte de muitas empresas, os bancos também vão morrer, vai ter reflexo na banca. Temos bancos a mais. Os empresários dos bancos, ao invés de fazerem banca, faziam indústria, mas apoiam à importação. São empresários do dinheiro, não são empresários para o desenvolvimento do país. Angola precisava de seis bancos bons, ao invés de 30 bancos que vivem uns atrás dos outros.

**Mas os projectos dos empresários, segundo os bancos, também não facilitam...**

Também é verdade, mas porque os próprios bancos não deveriam ficar só pela parte económica. Deveriam fazer pela parte técnica. Ter os engenheiros técnicos agrários para apoiar. Não estou a criticar os bancos porque até preciso deles, mas não tenho dúvidas de que há bancos a mais.

**E depois há bancos, como BPC, que vão à falência porque os empresários não pagam os empréstimos...**

Penso que não é bem assim, porque os empresários não pagaram. Se calhar, tratou-se de dinheiros mal direccionados, mas não quero falar disso porque não tenho domínio da situação. Ouço o que ouço, leio o que leio, mas aquilo faliu, parece-me, porque, dos dinheiros que foram emprestados, 99% não foram direccionados para práticas justas. Se é ou não, não me interessa. O que sei é que o BPC era um dos melhores bancos que estava no país e hoje parece um banco falido. Onde é que estão os dinheiros? É preciso saber.

**Voltando à Zona de Livre Comércio. Se a situação em Angola permanecer e o projecto acontecer nos prazos previstos, teremos o país inundado por produtos dos países vizinhos ou acredita no cenário inverso?**

A África do Sul vai abastecer muita coisa aqui, vamos ser abafados. Uma laranja produzida em Angola é muito mais cara do que a produzida na África do Sul. Fui produtor de batata no tempo antigo e fiquei horrorizado a ver camiões e camiões de batata a virem da África



do Sul quando a produção de batata em Angola é espontânea, nasce naturalmente. A zona do Longonge, Vila Flor, Vila Verde, aquela zona toda do Huambo... O Huambo é um celeiro de batata. Angola afogou-se de batata do Huambo e não há apoio nenhum. Li, não sei se verdade ou mentira, que a segunda guerra mundial foi alimentada por Portugal, apoiando a Alemanha com exportações que saiam de Angola. Temos todas as condições para tornar este país num país a sério, mas, para isso, os empresários não podem ser políticos.

**Mas o facto é que quase todos os políticos e governantes, do topo à base, são empresários. Como se resolve?**

Não pode. Se é político tem interesse porque, através da política, vai buscar os seus biscates. Aí é que está o problema, porque o político está mais próximo dos cofres do Estado. O empresário não pode ser político, pode ter o seu partido, eu tenho o MPLA, mas não sou político. Não tenho tempo para perder com a política. Temos muitos políticos empresários que, pela força das circunstâncias, se tornaram empresários, tiraram partido disso e já estão calcinados nesta via dupla, mas insisto: ou empresário ou é político.

**E acha possível combater a corrupção neste ambiente com muitos políticos empresários?**

É um problema muito complicado. É muito difícil acertar com o passo neste sentido. É que aqueles políticos empresários que já estão habituados a 'chupar nas tetas' já não querem outra coisa, porque sabem

como fazer. Sinceramente, não sei como se pode combater isso. Nem quero meter-me numa área que não é minha. Dou-me bem com todo o mundo, não tenho inveja de ninguém, quero que toda a gente se dê bem, sobretudo que sejam todos abençoados por Deus. Agora penso que as pessoas que têm demasiado deveriam pensar mais por aqueles que não têm nada.

**E qual é avaliação que faz do processo de combate à corrupção?**

Não sei. Quando é política, eu fujo. Agora, sei que tem de se fazer alguma coisa porque, se não se fizer, é mal para todos nós. Não sei até que ponto andam as coisas, porque o que a gente ouve falar pode não ser verdade, não podemos embarcar se não temos conhecimento, não há números. O que se ouve falar, muitas vezes, pode ser por inveja. Por isso, neste capítulo, não me pronuncio.

**Acha que se está a comunicar mal sobre os resultados do combate à corrupção?**

Não sei, não ligo muito a isso, ligo mais a minha vida de trabalho. Como disse, a política eu fujo dela, porque a vida política é muito complicada, de muitas rasteiras. Não há sinceridade.

**E se o convidassem para exercer um cargo político, de governador de Benguela, por exemplo?**

Não aceitaria. Não sou político, gosto de fazer o bem. Ajudo muito as comunidades pobres aqui de Benguela, Lobito. Isso é que eu gosto, é o que todos temos de fazer. Política é para os políticos. Quando, às vezes, a política também me pede, eu ajudo. Já colaborei com o Governo. Em

## Perfil

De 82 anos de idade, Victor Alves nasceu em Guilengues na Huila e muito cedo, com 5 anos foi para Benguela onde cresceu. Depois ficou dez anos no Cubal, também Benguela a desempenhou funções de bancárias. Depois seguiu para Portugal, onde passou cinco anos e tem uma "uma firma, pequenina porque trouxe tudo para cá para abrir o que tenho", a Indústrias Alimentares Reunidas de Benguela. Vencedor da categoria, Empreendedor do Ano, do Prémios Sirius 2017, Victor Alves é um dos sobreviventes de um acidente de aviação que aconteceu há 42 anos.

1992, nas primeiras eleições, contribuí para a vitória do MPLA, posso dizer isso com vaidade. As pessoas sabem quantas vezes andámos no Antonov a levar comida para aqui e acolá, mas era para dar comida e não para tirar qualquer outra coisa.

**Não teme ser acusado de ter ajudado o MPLA a comprar votos?**

Comprar votos? Não. Posso ajudar a comprar votos, fazendo o bem. Posso chegar numa zona fazer bem, estou a comprá-los porque estarão a dizer: "este partido é que nos está a ajudar". Isso é legal em toda a parte do mundo, mas não

vou dar dinheiro e dizer: "vai gastar o dinheiro nos copos para votar em mim". Há muita gente que pode fazer, mas é condenável.

**Temos muitos bons empresários?**

Não tenho dúvidas de que temos. Agora, têm de ser estimulados. É como uma árvore: se não tem água, adubos, morre.

**E como é que se apoiam os empresários? Pergunto porque alguns casos que são hoje acusados de corrupção resultaram da política de ajuda ao empresariado?**

Não vejo dos casos que conheço que sejam ajuda ao empresariado. O empresário recebe apoio e, por vezes, pode não cumprir, que é o meu caso. Não cumprio agora porque não tenho possibilidades. Os projectos não acabaram por falta de apoio. Talvez não devesse ser eu a fazer, mas sim uma pessoa mais rica. Não tenho a capacidade financeira própria pessoal. Não tenho onde tirar dinheiro senão dos bancos e os bancos não me deram todo. Logo, tenho problemas. Tenho salários em atraso, tenho dívidas com os bancos. Mas de uma coisa tenho a certeza: vou cumprir com os bancos, não vou ficar a dever nada a ninguém. Já passei muitas tempestades, muitas mesmo. Mas posso dizer também que muitas, depois de as passar, pude cantar os louvores de Deus com alegria porque venci e vou vencer essa também. Estou a passar mal, está muito difícil mesmo, é difícil ser empresário com dívidas, com problemas, mas não estou desanimado.

**A propósito, quanto pediu, que percentagem recebeu e porque é que acha que o banco não deu na totalidade?**

Não encontro explicação, aí é que está o problema. Os próprios bancos, se calhar estão a passar também por problemas sérios. Mas amanhã, quando eu estiver bem, é possível que sejam os bancos a vir bater à minha porta, porque ajudei também muitos a crescer. Temos de ter calma para vencer esta tempestade. Não podemos estar aqui a gesticular a torto e a direito ou a falar mal deste ou daquele. O objectivo é todos lutarmos para vencer esta tempestade, os que têm razão e os que não têm razão.

**Quanto solicitou e qual a percentagem?**

Não vou agora divulgar publicamente, é um segredo da empresa.



# LIGA NOS

## VIVA O FUTEBOL PORTUGUÊS EM EXCLUSIVO NA ZAP!

SPORT • TV **ÁFRICA**

CANAIS 20 E 21 HD

**3TV**

CANAL 24

DISPONÍVEL PARA CLIENTES  
**ZAP PREMIUM**

**CARREGUE JÁ!**

 **LaLiga**  **Santander**

## A LIGA ESPANHOLA ESTÁ DE VOLTA!

  **LaLiga** | CANAIS 25 E 26 HD

DISPONÍVEL PARA CLIENTES  
**ZAP MAX E ZAP PREMIUM**

**CARREGUE JÁ!**

# #BackToWin



**APOIO AO CLIENTE:**  
935 555 600 | [apoio.cliente@zap.co.ao](mailto:apoio.cliente@zap.co.ao)  
TODOS OS DIAS, INCLUINDO FERIADOS, DAS 7:00 AS 24:00

INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

+ INFO EM: [www.zap.co.ao](http://www.zap.co.ao)

# Economia/Política

REESTRUTURAÇÃO PROFUNDA NO MAIOR BANCO PÚBLICO

## Administração do BPC afasta cenários de privatização



André Lopes,  
PCA e  
Ceo do BPC

**BANCA.** Administração de André Lopes traça novo plano de recapitalização, abrindo portas para a saída de um terço dos colaboradores. E avisa que alienação parcial ou total do banco é “inviável” por razões técnicas.

Por Antunes Zongo

O presidente do conselho de administração (PCA) do BPC manifesta-se contra as sugestões de alienação do banco

por entender que seria tecnicamente um “negócio inviável” para o Estado.

António André Lopes justifica a posição com as “características” económicas e financeiras “actuais

do banco”, sublinhando que, se as instituições públicas accionistas da entidade quisessem optar pela alienação, teriam de fazer um “trabalho de saneamento económico e financeiro para tornar o negócio atractivo”.

“Temos de ser realistas, se for possível, deve-se transformar definitivamente o BPC num banco viável, num banco que tenha uma estrutura de custos suportável pela sua capacidade de criação de valor. Conseguido isso, pode ser atractivo ou fácil de encontrar interessados”, indica o também economista e antigo vice-governador do BNA.

Além das justificações técnicas avançadas, António André Lopes defende que, apesar de o Estado ter como estratégia uma menor intervenção no sistema financeiro, o Governo deve ter pelo menos um “instrumento financeiro” comercial, “à semelhança do que ocorre noutros países”.

Entretanto, a posição de António André Lopes contraria as sugestões de diferentes especialistas que insistem na privatização parcial ou total do banco, face às constantes necessidades de recapitalização, melhoramento do provimento, bem como de fundos próprios da entidade, apesar das mudanças de conselho de administração.

Carlos Yoba, reitor da Universidade Lueji A’Nkonde, não se manifesta, por exemplo, a favor de uma alienação do banco, mas sugere uma “maior autonomia” da instituição, face ao Governo. Em declarações ao VALOR em Fevereiro, Yoba referiu que o “maior mal” do BPC são as “ingerências governamentais e partidárias”, que não permitem ao banco ir atrás dos devedores.

Já Joel Caetano, contabilista ligado ao sector petrolífero, não tem dúvidas de que a solução do BPC passa pela sua “privatização total e urgente”. O contabilista defende que o banco sofre do mesmo problema de boa parte das empresas públicas, em que os funcionários têm o “vício de deixa andar”, porque, no final do mês, têm os ordenados completos.

### BANCO COM PREJUÍZO DE MAIS DE 400 MIL MILHÕES

O balanço consolidado do BPC de 2019 indica que a entidade teve um resultado líquido negativo de 404,7 mil milhões de kwanzas, tendo o produto bancário reduzido na ordem dos 116% em relação ao exercício anterior. António André Lopes justifica o resultado

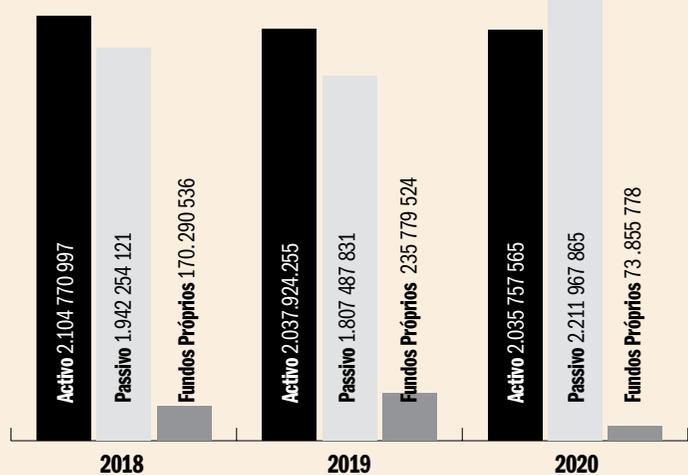
### MEMORIZE

● Até então denominado Banco Popular de Angola, o BPC recebeu a referida denominação em Agosto de 1991 e divide o estatuto de banco comercial público com o BCI que, entretanto, consta da lista de activos a serem privatizados.

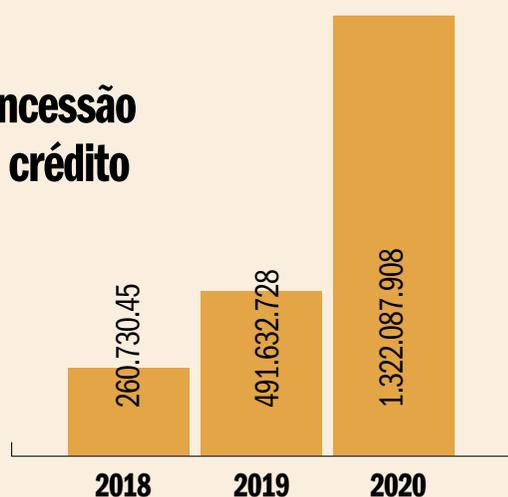
A ECONOMIA DO QUÊNIA ultrapassou a de Angola e tornou-se, no final do ano passado, a terceira maior economia da África subsaariana, de acordo com os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

## Comportamento financeiro dos primeiros trimestres dos últimos três anos

Valores expressos em kwanzas



## Concessão de crédito



## Performance do banco na gestão dos diferentes PCA

### Resultado 2017

Resultado líquido negativo	73,1 mil milhões de Kwanzas
Produto bancário positivo	50,9 mil milhões de Kwanzas
Resultado operacional negativo (-)	28,8 mil milhões de Kwanzas

### Resultado 2018

Resultado líquido negativo	26,9 mil milhões de Kwanzas
Produto bancário positivo	46,7 mil milhões de Kwanzas (91,8%)
Resultado Operacional positivo (+)	31,2 mil milhões de kwanzas

### Resultado 2019

Resultado líquido negativo	404,7 mil milhões de kwanzas
Redução do produto bancário	n.a (116%)
Resultado operacional negativo	n.a



Ricardo de Abreu



Alcides Safeca



António André Lopes

com a Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA) realizada pelo BNA e com a adesão às normas internacionais de contabilidade, conhecidas como normas IFRS.

O PCA do BPC explica que, diferente do passado, a nova norma IFRS obriga os bancos a não registar em seus balanços, como proveito, os juros de créditos que estejam em incumprimento há mais de 90 dias, sublinhando que, por essa razão, a entidade viu reduzir os seus juros activos de 165,2 mil milhões para 77,2 mil milhões de kwanzas. Itens como o pagamento dos depósitos a prazo também concorreram para o resultado negativo. “Face às características e à situação de liquidez do banco, recorreremos, com frequência, ao interbancário para obter liquidez, visando cumprir com as suas obrigações não só do ponto de vista das despesas operacionais, mas também para honrar as instruções que os clientes dão sobre as suas contas de depósito à ordem, dado que temos de ter liquidez para fazer face a essa responsabilidade”, nota António André Lopes.

### GOVERNO DEVE INVESTIR MAIS KZ 1,6 BILHÕES KZS

Depois de já ter investido um total de 695,6 mil milhões de kwanzas através de títulos para a recapitalização do BPC, desde 2015, o Estado deve injectar mais 1,6 biliões de kwanzas para melhorar o rácio de solvabilidade, bem como os fundos próprios do banco, conforme recomendação da AQA do BNA.

António André Lopes considera “difícil” que o Estado consiga, no actual contexto, realizar a empreitada, daí ter decidido que o banco se socorresse do ‘Acordo de Basileia 3’, que dá prerrogativas às entidades para poderem, no momento inicial da adopção à norma de contabilidade internacional, fazerem um deferimento do reconhecimento dos resultados das imparidades.

### MELHORIA DA PERFORMANCE DO BANCO

Diferente do que vinha sendo realizado desde 2015, as actuais medidas de recapitalização do banco serão mais alargadas. Para até 2023, o conselho de administração pretende encerrar 60 agências, entre as quais 40 postos de atendimento.

O banco prevê também despedir 1/3 dos trabalhadores de um universo de mais de 4,8 mil colaboradores, sendo que deverá apostar em agentes bancários e na banca digital, entre outras medidas.



Sérgio Santos,  
ministro  
da Economia e  
Planeamento

### PARA APOIAR ASSOCIADOS DA UPME

## Governo pode fazer recurso ao Prodesi

**CRÉDITO.** Das mais de 200 pequenas e médias empresas em risco de falir, algumas poderão receber apoio ainda neste Junho.

Pequenas e médias empresas dos serviços e comércio poderão ser enquadradas na linha de crédito do Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações (Prodesi) antecipou a empresária Beatriz Frank, assegurando tratar-se de uma garantia do ministro da Economia e Planeamento, Sérgio Santos, com quem reuniu recentemente.

Em declarações ao VALOR, a empresária que preside à União dos Pequenos e Médios Empresários (UPME) referiu que o governante admitiu a hipótese de algumas das empresas beneficiarem de crédito ainda no decorrer de Junho, sendo prioritárias as que se encontram com necessidades “mais urgentes”. Neste grupo, destacam-se as empresas que não pagam os salários desde Abril, de forma “a não permitir a elevação do nível de desemprego”.

Recordando que várias empresas e empresários se encontram “a beira da falência”, Beatriz Frank antecipou uma reunião da UPME para esta quarta-feira, 10, em que serão traçadas “as linhas estratégicas e descrever a real situação, no sentido de se classificarem as que carecem urgentemente de alívio

económico”. No encontro realizado na quinta-feira, 4, a empresária afirmou que 70% das empresas correm o risco de falir até Agosto, o que poderá pôr no desemprego mais de quatro mil famílias. Além de apelar para o apoio financeiro, defendeu o perdão e a isenção fiscal para as empresas, tendo considerado que a cobrança coerciva do IVA e do IPU não fazia “qualquer sentido” nesta fase. Segundo relatou, muitas empresas deixaram de pagar salários, dando em troca “bónus de cinco a 10 mil kwanzas aos funcionários apenas para sobreviverem”.

### CONFLITO MARCA INÍCIO DA ASSOCIAÇÃO

Após o encontro de 4 de Junho, alguns membros manifestaram a intenção de abandonar a associação por reprovarem a alegada “postura de arrogância” de Beatriz Frank, que terá expulsado alguns dos associados. Beatriz Frank desmente, no entanto, a acusação, assegurando “não existirem clivagens” na UPME. Segundo a empresária, foram excluídos três integrantes “por reiterada violação das regras do grupo”, mas que podem ser reintegrados caso “cumpram, à risca, as normas impostas.

Por Guilherme Francisco

# Mercados & Negócios

DISTRIBUIDORES DA CERVEJEIRA COM AUTORIZAÇÃO PREFERENCIAL

## Cuca recebe tratamento especial no estado de emergência

**CONCORRÊNCIA.** Distribuidores da fabricante foram autorizados a comercializar. Refriango recebeu o mesmo tratamento, mas apenas depois de reclamar. Sodiba não confirma nem nega e diz que a situação coloca em causa a associação das indústrias de bebidas.

Por Fernando Francisco

**A** acusação de que o Grupo Castel tem recebido um tratamento diferenciado por parte do Governo, face à concorrência, ganhou mais um capítulo durante o estado de emergência, período em que o Governo Provincial de Luanda autorizou os principais distribuidores da fabricante de bebidas a trabalhar, sem garantir o mesmo tratamento aos revendedores exclusivos da concorrência.

Segundo o documento a que o VALOR teve acesso, 78 empre-

sas distribuidoras dos produtos do Grupo Cuca BGI foram autorizadas a trabalhar entre as 8 e as 16 horas, tendo o governo justificado a decisão com a necessidade de assegurar a actividade comercial durante o período de estado de emergência.

“Incumbe-nos sua excelência senhor governador de Luanda credenciar o grupo Cuca BGI e seus consignados, constantes da lista anexa, a comercializarem produtos devidamente autorizados e cumprir rigorosamente as medidas estabelecidas nos referidos diplomas de modo a não inviabilizar a actividade, enquanto prevalecer o período de estado de emergência”, lê-se no documento passado pelo gabinete provincial para o desenvolvimento económico integrado.

### MEMORIZE

● **Governo de Luanda credenciou 78 empresas para que continuassem a distribuir os produtos da Cuca durante o estado de emergência que vigorou entre 27 Março e 25 de Maio.**

O VALOR contactou as concorrentes da cervejeira para saber se tiveram o mesmo tratamento e apercebeu-se que a Refriango teve a mesma sorte, mas apenas depois de reivindicar junto das autoridades. “Inicialmente, não tínhamos recebido.

Quando tivemos conhecimento, solicitámos junto da entidade a



mesma autorização para os nossos clientes que nos foi concedida”, respondeu Rui Firmo, director de operações da fabricante de produtos como a cerveja Tigra, água Pura e sumos Nutri.

Por sua vez, o director-geral da Sodiba (produtora da Luandina) não negou nem confirmou que a empresa tivesse igual tratamento. “Prefiro não comentar este tema que em nada abona em prol do normal

funcionamento das instituições, equidade de critérios, colocando em causa a própria AIBA (associação das indústrias de bebidas)”, respondeu Luís Correia.

Entretanto, não é a primeira vez que a Cuca é citada como tendo recebido tratamento diferenciado por parte do Governo, ligando-se a este suposto tratamento o facto de ter, na estrutura accionista, o braço empresarial do MPLA, a Gefi.

### COMPRA DE TÍTULOS A EMPRESAS

## Transacções do BFA sobem 93%

**U**ma semana depois de ter sido anunciado como “Operador Preferencial de Títulos do Tesouro” (OPTT), as transacções do BFA nas operações de compra de títulos

às empresas, no âmbito das medidas que visam reduzir o impacto da covid-19 ao sector empresarial, aumentaram 92,8%

A instituição, que, no balanço anterior, referente a 22 de Maio, aparecia na sexta posição em valores transaccionados com 910 milhões de kwanzas, lidera agora o ranking

com 12,7 mil milhões de kwanzas e nove operações.

O Banco Caixa Angola (BCGA) que, no balanço anterior, liderava a lista das transacções, ocupa agora a quarta posição com os mesmos dois mil milhões de kwanzas transaccionados até 22 de Maio, enquanto o BAI, que ocupava a quarta posi-

ção, é a gora a segunda instituição que mais transaccionou com um total de 2.960 milhões de kwanzas. Na terceira posição, aparece o Banco Millennium Atlântico, que transaccionou 2.380 milhões de kwanzas quando, até 22 de Maio, era o responsável pela compra de títulos no valor de 1.464 milhões de kwanzas.

Segundo o relatório do BNA, até de 5 de Junho, foram investidos mais de 26,1 mil milhões de kwanzas na compra de obriga-

ções de tesouros através da linha de liquidez no valor de 100 mil milhões de kwanzas, aprovados para a compra de títulos públicos às empresas.

No total, foram realizadas 65 operações de compra de Obrigações do Tesouro na plataforma de negociação da Bodiva e participaram 41 empresas. Comparativamente ao balanço anterior, registou-se um aumento de 16,1 mil milhões de kwanzas e de 14 empresas.

CONFIRMA ISABEL DOS SANTOS

# Candando encerra metade das lojas e manda 1.000 para casa

**DISTRIBUIÇÃO.** Primeira loja da rede foi inaugurada há quatro anos e plano de negócio estimava 10 lojas em cinco anos. Empresária justifica a situação com as dificuldades impostas pelo arresto e bloqueio das contas.

Por Fernando Francisco

Algumas lojas da rede de supermercados Candando, entre as quais a de Viana, vão ser encerradas, decisão que deve ser efectuada nos próximos dias, mandando para casa metade dos actuais dois mil trabalhadores.

O facto foi confirmado ao VALOR pela empresária Isabel dos Santos depois de confrontada com o cenário de lojas praticamente vazias e prateleiras desfalçadas. “Sim, o Candando está a fechar. Não todas as lojas, algumas

vão fechar. Só metade das lojas vai continuar. De 2.000 trabalhadores, só metade permanecerá”, confirmou, acrescentando que, “infelizmente, estão a matar as empresas com este arresto”. “As empresas têm dívidas com os bancos que financiaram estes projectos e não com o Estado”, respondeu.

Segundo explicou, a situação do Candando agrava-se porque o “arresto bloqueou todas as contas bancárias da empresa que faz o aprovisionamento e importação dos produtos”, impossibilitando uma relação normal com os fornecedores.

“O Candando está a passar grandes dificuldades, pois o arresto do Tribunal de Luanda está a ter um impacto negativo e a afectar a operação da empresa, os danos são

grandes, pois não está a permitir ter uma relação normal com os fornecedores. A ordem de arresto mandou congelar as contas bancárias da empresa do Candando de Portugal. Ou seja, já não pode pagar nenhum fornecedor. E mandou bloquear todos os pagamentos no exterior”, acrescentou.

Esta semana completa quatro anos desde a inauguração do primeiro hipermercado da rede Candando. Localizado no Morro Bento e inserido no Shopping Avenida, ocupa uma área de 10 mil metros quadrados, tendo resultado de um investimento de 40 milhões de dólares. Na ocasião, o Grupo Contidis, empresa detentora da marca, perspectivou a abertura de 10 lojas da marca em cinco anos, num investimento global de 400 milhões de dólares. O segundo hipermercado foi inaugurado em Abril de 2017, ou seja, um ano depois do primeiro, e, em Dezembro do mesmo ano, era inaugurada a terceira loja que está localizada em Viana, uma das que deve encerrar as portas. Neste momento, a marca conta com oito lojas.



# Taça Cheia

Todos os sábados,  
às 22:00,  
com  
**Sebastião Vemba**

96.1 fm

Rádio Essencial

# DEJURE

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

# Regime Jurídico das Zonas Francas em análise

**REGRAS.** Diploma cria possibilidade do estabelecimento de zonas de livre comércio em determinadas regiões, por iniciativa do Estado ou de agentes privados, com benefícios e incentivos fiscais, regimes especiais no domínio cambial, financeiro, laboral e migratório.

Por Redacção

A proposta de lei sobre o Regime Jurídico das Zonas Francas, que altera a Lei nº 9/16, de 16 de Junho, dos Contratos Públicos e a proposta de lei de Bases do Sistema de Pagamentos de Angola, vai ser analisada e preparada esta segunda-feira, pelos deputados que vão proceder à votação na reunião plenária de 19 deste mês.

O documento, que foi apreciado

na 3.ª sessão ordinária do Conselho de Ministros, realizada a 28 de Março, estabelece as regras para a criação das zonas francas em Angola e define os objectivos, os princípios gerais, os incentivos e as facilidades a conceder pelo Estado aos investidores e às empresas que nelas actuarem.

O diploma cria igualmente a possibilidade do estabelecimento de zonas de livre comércio em determinadas regiões, por iniciativa do Estado ou de agentes privados, com benefícios e incentivos fiscais, regimes especiais no domínio cambial, financeiro, laboral e migratório. O Regime de Zonas Francas abrange, também, os inves-

titores nacionais que pretendam desenvolver os seus negócios.

As Comissões de Trabalho Especializadas da Assembleia Nacional procedem igualmente, esta segunda-feira, à discussão de outras propostas de lei a serem submetidas à discussão e votação, na generalidade, na 10.ª reunião plenária.

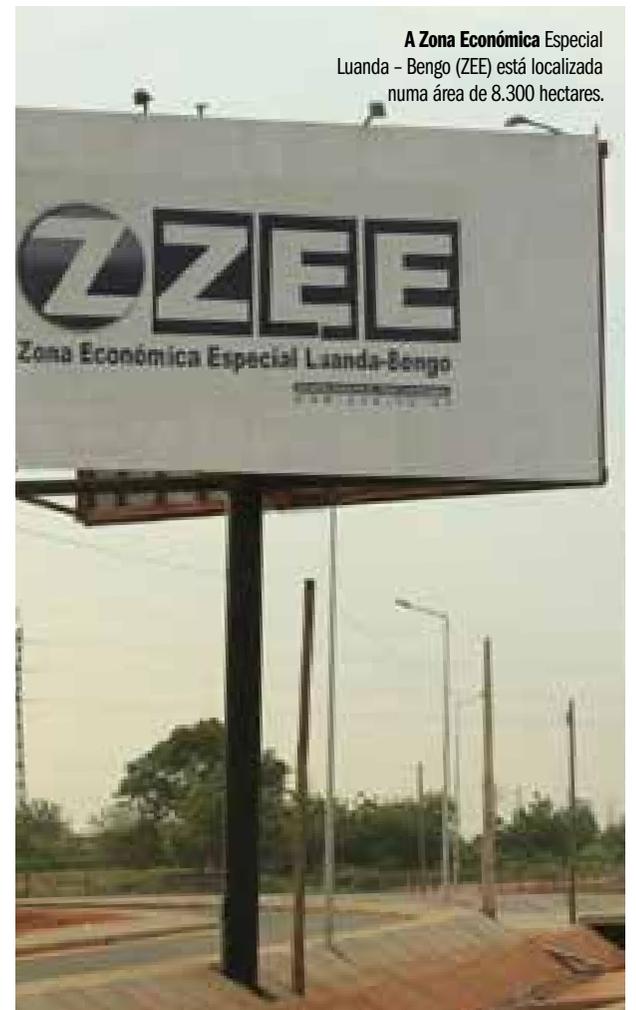
A Proposta de Lei do Sistema de Pagamentos de Angola, que estabelece as regras de funcionamento, superintendência, supervisão e gestão do Sistema de Pagamentos e que foi apreciado pelo Conselho de Ministros na reunião de 28 de Março, está também na agenda para análise na Assembleia Nacional.

O Executivo pretende, com esta proposta, favorecer a modernização e integração de sistemas de pagamentos de forma segura e fiável, por entender ser fundamental para apoiar o crescimento da economia nacional e garantir que os consumidores, com realce para os comerciantes e as empresas, usufruam de melhores condições operacionais dos sistemas.

Outra proposta de lei que vai merecer a atenção dos parlamentares é a que altera a Lei nº 9/16, de 16 de Junho, dos Contratos Públicos, que tem como objectivo melhorar a competitividade na atracção do investimento pri-

vado, sobretudo o Investimento Directo Estrangeiro, com a participação das grandes multinacionais, conferindo melhores condições aos investidores para a implementação de grandes projectos de investimento.

Inclui-se, com a alteração deste diploma, um novo regime, o contratual, que permite a negociação de incentivos e facilidades, tendo em conta as especificidades dos projectos de investimento, os impactos económicos e sociais resultantes da sua implementação, bem como a contribuição para o fomento da produção nacional e a diversificação das exportações.



AMANHÃ, 9 DE JUNHO

## Deputados abordam estado de calamidade



Os deputados vão apreciar amanhã, 9 de Junho, a aplicação da declaração do estado de calamidade decretado pelo Presidente da República. Américo Cuononoca, líder do grupo parlamentar do MPLA, em declarações à imprensa, considerou “oportuna” a análise da implementação do estado de emergência, que visou travar a covid-19. Na sessão, os parlamentares

vão tirar ilações sobre os ganhos alcançados durante este período e recomendar acções concretas com vista a mitigar os efeitos da pandemia no seio da população. O estado de calamidade, já na visão do vice-presidente do grupo parlamentar da Unita, Maurílio Luyele, foi necessário para a contenção da covid-19 e, em alguns aspectos, afirma, obtiveram-se os efeitos preconizados, sendo que, no entanto, há questões que devem ser observadas para uma correcta aplicação de medidas.

A Unita, de acordo com Maurílio Luyele, está preocupada com o aumento de casos, pelo que defendeu “a aplicação de medidas eficazes em função da evolução epidemiológica”.

O deputado mostrou-se céptico pela abertura dos estabelecimentos de ensino a todos os níveis, previsto para 13 de Julho, exortando a uma preparação eficiente, quer do ponto de vista do distanciamento social, quer das medidas de higienização a serem implementadas para se evitar o aumento de casos.



## CELEBRAMOS JUNTOS



LINHA DE ATENDIMENTO BIC  
+(244) 923 190 870  
Serviço disponível 24H

[www.bancobic.ao](http://www.bancobic.ao)

Maio é um mês especial e de muitas celebrações importantes. É o mês de África, da Fraternidade, da Juventude, do Trabalhador e da Matemática.

**A 26 de Maio de 2005 nasceu o Banco BIC.** 15 Anos depois, somos um banco jovem, erguido com empenho, trabalho e a confiança dos nossos clientes. Somos uma família grande composta por 2084 colaboradores.

**Crescemos muito...**

**Crescemos JUNTOS.**



**BancoBIC**

# (In)formalizando

EM MEIO À PANDEMIA

## Startups de entregas entre as mais procuradas

**OPORTUNIDADES.** Empresas registaram crescimento de mais de até 70% nas solicitações, com as zonas urbanas a dominarem o gráfico.



Limitações impostas pela pandemia elevam negócio para níveis nunca alcançados.

Por Guilherme Francisco

**P**equenas empresas do ramo de entregas admitem aumentos na procura nos últimos meses, face à crise e às restrições impostas pela pandemia da covid-19.

A startup Sócia, por exemplo, registou, na sua plataforma digital, aumentos na ordem dos 70% para cerca de 100 encomendas diárias, com as entre-

gas a concentrarem-se nas zonas urbanas de Luanda. Augusto Firmino, CEO da empresa, considera explorar, entretanto, as áreas próximas do centro, de modo a responder “às reiteradas solicitações”.

Henrique Mbidingani, CEO de outra startup, a Garçon, confirma que, diariamente, chegam a receber perto de 300 solicitações, dois terços das quais a partir de pontos urbanos da capital. “A procura aumentou consideravelmente, o trabalho triplicou. Todos os dias, o número tende a subir”, explica, admitindo “alguma rentabilidade.”

Com as restrições ainda registadas nos centros comer-

# 70%

Taxa de crescimento de solicitações registado por uma das empresas de entregas

ciais e restaurantes, muitas empresas têm recorrido às plataformas de serviço de entregas para facilitar a compra dos produtos. Henrique Mbidingani exemplifica que, num universo de 10 propostas, a sua plataforma

chega a estabelecer um mínimo de cinco contratos durante a semana. “Nesta altura, somos a solução para muitas empresas, inclusive grandes, porque as pessoas sentem mais conforto em receber o que desejam em casa, sem precisar de enfrentar o vírus”, justifica.

O mesmo ocorre com a Sócia. A empresa celebrou, ultimamente, cinco novas parcerias, sobretudo, para a entrega de produtos alimentares. Augusto Firmino considera tratar-se de mais “uma acção social.” Todavia, admite que as novas parcerias têm dado resultados positivos e permitem o aumento da força de trabalho.

EM BENGUELA

## Ex-militares beneficiam de apoio agrícola em Benguela

Um total de cinco mil ex-militares, em Benguela, vai beneficiar, este ano, de meios para o fomento agrícola, bem como a sua reintegração socioeconómica e produtiva, de acordo com as declarações do director provincial do Instituto de Reintegração Socioprofissional (Irsem).

Apesar de não pormenorizar a quantidade de equipamentos que deverão ser colocados à disposição dos beneficiários, Francisco Branco sublinhou que os meios serão, sobretudo, tractores com alfaias. Além dos equipamentos, os ex-militares vão ainda beneficiar de formação de manuseamento dos tractores, bem como de outros meios.

O responsável do Irsem de Benguela recordou que não é a primeira vez que a entidade apoia ex-militares, destacando que, desde a sua constituição, pelo menos 501 ex-militares foram contemplados, na província, sendo 320 inscritos na cooperativa agro-pecuária do Dombe Grande, na Baía Farta, e 181 da Canjala, no Lobito.

Para o presente programa de apoio, foram seleccionados oito municípios, tendo o Bocoio maior número de beneficiários, com 1.400 ex-militares de 12 cooperativas, enquanto o Cubal é a circunscrição com menos beneficiário, não ultrapassando os 84. Os municípios de Caimbambo e do Chongoroi, segundo Francisco Branco, estão de fora por “questões organizativas” ligadas à legalização das cooperativas que neles operam.

## CEOS NEGROS DAS 500 MAIORES COMPANHIAS DO MUNDO

## Os quatro magníficos

**RESPONSABILIDADE.** Se dúvidas existem sobre se o racismo é factual ou vitimização, a representatividade de negros nas 500 maiores empresas do mundo deve servir de resposta cabal. São apenas quatro, e todos homens, os negros que lideram empresas da lista Fortune 500. E cada vez são menos... há uma década eram sete, em 2002 eram 12 os CEO negros.

Um estudo do Centro para Inovação do Talento publicado em finais de 2018 concluiu que apenas 3,2% das posições de liderança seniores eram ocupadas por negros que somavam apenas 0,8 das posições de CEO.



**ROGER FERGUSON JR.**  
CEO DA TIAA DESDE 2008

A TIAA (Associação de Professores de Seguros e Anuidades) que lidera desde abril de 2008 é um fundo de gestão e serviços financeiros que gere mais de mil milhões de dólares e emprega 17.500 funcionários com receitas anuais de mais de 37 mil milhões de dólares. O economista Roger Ferguson Jr. nascido em Washington a 28 de outubro de 1951 formado em Harvard liderou a seguradora Swiss Re e tornou-se partner da consultora McKinsey. Entre 1999 e 2006 foi vice-presidente do board de governadores da Reserva Federal e responsável pela resposta aos ataques de 11 de setembro pela qual recebeu aplausos. Foi consultor da presidência de Barack Obama e é co-autor de vários livros focados na boa governança das instituições financeiras e recípiante de vários prémios de liderança, sendo o mais recente o da Associação Nacional de economia e negócios em 2020.



**KENNETH FRAZIER CEO DA MERCK E CO.**

A primeira farmacêutica com liderança de um negro, a Merck e Co. posiciona-se no 78º lugar da lista da Fortune 500, com perto de 70 mil funcionários, conta um valor patrimonial estimado em 82 mil milhões de dólares e gera receitas da ordem dos 42 mil milhões de dólares. Kenneth Carleton Frazier, nascido em Filadélfia, 1954, formou-se em direito em Harvard e defendeu um condenado à morte que conseguiu salvar pelo escritório de advocacia Drinker Biddle. E foi aí que tomou contacto com a segunda maior farmacêutica dos EUA, por que defendeu e venceu processos judiciais que poderiam ter custado até 50 mil milhões de dólares, performance que lhe valeu a nomeação para o cargo de vice-presidente da companhia. Em 2011 tornou-se CEO da Merck e Co. Membro da equipa de conselheiros de Trump, afastou-se em 2017 e disse numa entrevista depois do assassinato de George Floyd pela polícia, que poderia bem ter sido ele naquela situação.



**MARVIN ELLISON CEO LOWE**

A Lowe é a segunda maior cadeia de equipamentos para casa a seguir ao Home Depot (onde também trabalhou vários anos), com mais de 2 mil lojas que empregam 370 mil pessoas e geram receitas de perto de 70 mil milhões de dólares. Ellison foi nomeado CEO em 2018 saído de outra cadeia de lojas americana, a J. C. Penney onde também ocupou o mesmo cargo. Nascido no Tennessee, em 1966, manteve-se músico, apaixonado pelo Gospel, formou-se em gestão e administração pela universidade de Memphis, começou a trabalhar como segurança e levou 15 anos a subir até à vice-presidência do Home Depot.



**JIDE ZEITLIN CEO TAPESTRY**

A Tapestry é a dona de marcas de retalho exclusivas tão conhecidas como a Stuart Weitzman, a Kate Spade ou a Coach, é empregadora de mais de 12 mil pessoas e, em 2018 gerava lucros de perto de seis mil milhões de dólares. Zeitlin, nascido em 1964 na Nigéria, adoptado por americanos, assumiu a liderança da Tapestry em setembro de 2019, mas já integrava a direcção desde 2006 ano em que fundou também o Keffi Group. Jide Zeitlin tem também um MBA de Harvard e no seu currículo constam 20 anos de varias posições de relevo na gigante financeira Goldman Sachs onde começou como estagiário e chegou a parceiro. Foi nomeado presidente do Board da Agência de Investimento Soberano da Nigéria em 2012 e mantém essas funções.

# Opiniões

## Precisa-se de um ‘desempregometro’



**César Silveira,**  
Editor Executivo  
Valor Económico

47 pessoas. Há muito mais... É muito desemprego documentado, mas peca certamente por defeito se considerarmos a existência dos desempregos que acontecem todos os dias, sem registo, em pequenos negócios como padarias, perfumarias ou hamburguerias.

Certamente os números seriam assustadores se houvesse uma forma absoluta de contabilizar o número de pessoas que vão para o desemprego diariamente em Angola. Seriam provavelmente assustadores os números se tivéssemos uma espécie de relógio biométrico do emprego, ou ‘desempregometro’, que controlaria quem por diversas razões deixa a padaria, a hamburgueria, o banco, ou a creche para juntar-se à pesada estatística dos desempregados.

Talvez seja este instrumento em falta para encararmos com maior realismo o problema que temos, pois tudo indica que os indicadores do Instituto Nacional de Estatística não têm sido suficientes para despertar para a gravidade da situação. Por ora, a covid-19 pode servir de desculpa, mas sabe-se que, entre nós, a problemática é anterior a pandemia.

O desemprego continua a provocar debates nos diversos fóruns e o tema é aqui chamado inspirado pela capa desta edição do VALOR que dá conta da possibilidade de 1000 pessoas perderem o emprego com o eventual encerramento de 50% das lojas da rede Candando. Talvez não fosse assim, caso, coincidentemente, nas duas últimas duas semanas mais notícias de desemprego não nos tivessem brindado a alma. A cervejeira EKA também anunciou a possibilidade de encerramento, o que representaria o desemprego de 147 pessoas. Também o BPC anunciou cortes e o despedimento de 1600 trabalhadores.

E não sendo apenas mais uma possibilidade, a Angomart encerrou já uma loja em Malange, mandando para o desemprego



## Estratégia de Prevenção e Combate à Corrupção



**Miguel Trindade Rocha,**  
Executive Director  
EY, Forensic &  
Integrity Services

mente através do acesso a matérias-primas, e do investimento directo dos valores obtidos com estas práticas nas suas economias.

O mais recente relatório do Índice de Percepção de Corrupção, da Transparência Internacional, coloca Angola na 146.ª posição, entre 180 países, o que traduz uma subida de dezanove posições face ao Índice do ano passado.

Para esta subida tem contribuído o esforço desenvolvido pelo actual Governo de Angola, com uma mensagem clara, fazendo do combate à corrupção uma prioridade Nacional, recaindo essa responsabilidade sobre o Governo e os funcionários públicos, mas também sobre as empresas privadas e a sociedade civil. Este repto tem sido reiterado, quer pelo Presidente, quer pelo Ministro da Justiça, quer pela Procuradoria-geral da República de Angola.

A actualização das leis contra a corrupção e branqueamento de capitais, são instrumentos importantes para o combate a estes ilícitos típicos.

O Plano Estratégico de Prevenção e Combate à Corrupção 2018-2022, da Procuradoria-Geral da República, visa dotar Angola de mecanismos eficientes de combate à corrupção a curto, médio e a longo prazo.

O Plano Estratégico define três objectivos:

- Promover a integridade, transparência e cultura de prestação de contas, bem como melhorar a prestação de serviços na Administração Pública;
- Promover o envolvimento da

sociedade na prevenção e no combate à corrupção;

- Intensificar a prevenção da corrupção e promover a integridade nos sectores empresariais público e privado.

O Plano Estratégico é ambicioso, sendo o sucesso da sua implementação fundamental para a promoção de uma cultura de integridade e ética, contribuindo para a transparência na administração pública e dotando a sociedade civil do conhecimento e dos instrumentos necessários, por um lado a um maior escrutínio do poder público, por outro à implementação das melhores práticas no sector privado.

Ao nível do sector privado, a governança corporativa deve contribuir para uma responsabilização dos executivos, na coordenação e implementação das melhores práticas de combate à corrupção e de mecanismos de controlo da sua efectividade, bem como para a difusão de uma cultura de cumprimento por parte de todos os colaboradores.

No que se refere a instrumentos no combate à corrupção, destacam-se três:

- Programa de integridade e ética;
- Mecanismos de *whistleblowing*;
- Sensibilização e capacitação.

A implementação de um programa de integridade e ética, adequado à cultura e ao modelo de negócio das organizações, contribui para um ambiente de negócio sustentável, mitigando os riscos de corrupção e de infracções conexas, e, consequentemente, para a redução dos riscos associados.

Os mecanismos de *whistleblowing*, considerando que a informação reportada é obtida de forma legítima, e sendo garantindo o anonimato e a bidireccionalidade, são instrumentos fundamentais para o reporte de situações passíveis de configurarem irregularidades, por parte das diferentes partes interessadas.

As acções de sensibilização e capacitação são ferramentas essenciais para a difusão das melhores práticas, nas organizações, das políticas, processos e procedimentos da organização, e para a transmissão dos valores éticos da organização e dos comportamentos adequados ao seu respectivo cumprimento, na sociedade em geral, para capacitar para a temática da corrupção e para o desempenho de uma cidadania activa.

“Esta estratégia de fornecer conhecimentos às crianças para que o comportamento das suas famílias seja alterado já provou ser eficaz em campanhas de saúde pública anteriores.”

# A educação é crucial para a resposta de África à COVID-19



Jean-Marc Bernard,  
Economista senior,  
especialista em Educação



Brahima Coulibaly,  
Vice presidente do  
depart. de Economia na  
Brookings Institution de  
Harvard



Rebecca Winthrop,  
Co-directora do  
Centro de Educação  
Universal da Brookings  
Institution

as condições para concessão de empréstimos não são favoráveis.

Mas a educação é uma das actividades governamentais com maior dimensão e mais consequências em África e, ao ignorá-la, os decisores políticos e as agências humanitárias colocam o continente em risco. Na verdade, ao continuarem a apoiar a educação durante a pandemia, os governos podem reforçar a resposta imediata à COVID-19 e a recuperação de longo prazo nos seus países de quatro maneiras fundamentais.

Primeiro, a COVID-19 está a atingir com maior violência as pessoas mais vulneráveis de África: a insegurança alimentar aumentou de forma alarmante e a recessão económica deverá empurrar para a pobreza extrema mais 23 milhões de pessoas na África Subsaariana. Mas assim que as escolas reabrirem, serão veículos poderosos para a distribuição de protecção social às famílias que mais dela precisam, o que motivará a assiduidade. Por exemplo, os programas escolares que proporcionem rações alimentares e apoios em transferências de dinheiro para levar para casa incentivam as famílias com menos recursos a enviar as suas crianças para a escola, ao mesmo tempo que lhes fornecem o muito necessário apoio alimentar e económico.

De modo semelhante, a educação desempenha um papel importante no apoio à resposta da saúde à pandemia. Por exemplo, as mensagens sanitárias vitais relativas à covid-19 – que vão desde as técnicas adequadas para lavar as mãos à utilização de máscaras faciais – podem ser integradas em programas nacionais de aprendizagem à distância. Esta estratégia de fornecer conhecimentos às crianças para que o comportamento das suas famílias seja alterado já provou ser eficaz em campanhas de saúde pública anteriores e países como a Tanzânia, o Gana, e

*Por enquanto, os governos com escassez de meios e os seus parceiros internacionais para o desenvolvimento estão adequadamente a dar prioridade à saúde pública, à protecção social e ao estímulo económico. Mas parecem esquecer-se de uma das suas ferramentas mais importantes: a educação.*

o Uganda já a adoptaram para a covid-19. Adicionalmente, as escolas também servem regularmente como importantes locais de primeira linha para intervenções sanitárias, como campanhas de vacinação.

Segundo, enquanto a inadequação da assistência aos segmentos mais vulneráveis da população corre o risco de provocar protestos e de alimentar o descontentamento civil, a continuidade da educação pode contribuir para a estabilidade social. Já durante a pandemia, jovens e mulheres na África do Sul, Malawi e Nigéria saíram às ruas para protestar contra a escassez de alimentos e de outras necessidades básicas. Mas se aproveitarem a capacidade das escolas para disseminar a assistência à protecção social, os governos podem proporcionar a tão necessária assistência e assim melhorar a situação das famílias com baixos rendimentos e em situação de insegurança alimentar.

Além disso, é demonstrado,

por investigação extensa, que a provisão desigual de serviços de educação aumenta o risco de agitação e conflito social. Sem um investimento continuado na educação, o fosso entre os ricos e os pobres aumentará ainda mais, à medida que as famílias abastadas adquirirem oportunidades educativas para as suas crianças que deixem para trás os outros alunos.

Terceiro, pagar a professores ajuda a economia. A nossa análise a 33 países africanos, que usou dados do Instituto de Estatística da UNESCO e o Banco Mundial, concluiu que os salários dos professores e do pessoal escolar chegavam em média aos 3% do PIB, mais do triplo do incentivo financeiro médio anunciado pelos governos africanos para a luta contra a pandemia. Os professores constituem um dos maiores grupos de funcionários públicos em muitos países africanos e o seu trabalho diário não é apenas intrinsecamente valioso, mas também contribui consideravelmente para a economia local e nacional. Além disso, permitir que os professores continuem a ensinar facilita o retorno dos pais ao trabalho.

Finalmente, a continuidade na educação é essencial para a produtividade e para a competitividade. As pausas prolongadas na provisão de acções educativas ou uma degradação profunda da sua qualidade, prejudicam a competitividade de África a longo prazo. Muitas das estimativas actuais de perdas de aprendizagem devidas à covid-19 já traçam um quadro preocupante para os jovens africanos. Os economistas da Brookings Institution e do Banco Mundial estimam que, com apenas quatro meses de escolaridade perdida e mudanças menores na qualidade do ensino, os rendimentos ao longo da vida dos actuais estudantes nos EUA vão sofrer uma redução considerável, representada por uma perda de quase 13% do PIB do país durante as próximas gerações.

África já evidencia um atraso significativo relativamente a outras regiões no que diz respeito ao desenvolvimento do capital humano, devido às carências nas áreas da saúde e da educação. Segundo o Banco Mundial, o Índice de Capital Humano de África é actualmente apenas de 0,4 (numa escala de 0 a 1), o que significa que o PIB por trabalhador vai aumentar 250% se a região conseguir resultados máximos na saúde e na educação. Em contrapartida, a degradação nestas áreas aumentará o fosso de produtividade entre os trabalhadores de África e dos outros países.

À medida em que a produtividade e a competitividade de longo prazo de África sofrerão como consequência da perda de escolaridade dependerá do modo como os governos conseguirem continuar as actividades educativas durante a pandemia. Estimativas recentes mostram que apenas 25% dos países de baixo rendimento fornecem actualmente oportunidades de aprendizagem online ou à distância. Mas a instrução interactiva por rádio pode ser eficaz se for bem-concebida e o Ministério da Educação do Malawi está a colaborar com organizações da sociedade para proporcionar instrução de alfabetização e aritmética através de ‘tabletoff-line’ alimentados a energia solar. Esta é apenas uma das muitas abordagens de ‘salto de etapas’ que poderá originar modos novos e mais eficazes de proporcionar um ensino de qualidade aos jovens, durante a pandemia e no futuro.

A covid-19 presenteou os decisores políticos africanos com uma chuva de escolhas difíceis. Mas se os governos continuarem a investir na educação em paralelo com iniciativas de saúde, de protecção social e de recuperação económica, estimularão o bem-estar dos jovens e reforçarão a prosperidade das famílias, das comunidades e dos países.

Os líderes políticos africanos têm muito com que se ocupar: aumento das infecções por COVID-19, sistemas de saúde fragilizados, insegurança alimentar crescente e, em determinadas áreas, agravamento da instabilidade social. E com o esgotamento das receitas governamentais no meio da mais acentuada contracção económica do continente registada em décadas, os recursos disponíveis para enfrentar estes desafios estão a escassear.

Análises recentes indicam que alguns governos africanos estão a reduzir os orçamentos para a educação como resposta à pandemia – e se a crise financeira global de 2008 servir de exemplo, os doadores farão o mesmo. E enquanto os governos conseguiram manter os orçamentos para a educação durante a crise de 2008 através da emissão de dívida, os actuais encargos do continente com as dívidas do sector público já são pesados e



# Jornal Valor económico

Visite o site [www.valoreconomico.co.ao](http://www.valoreconomico.co.ao)

Regista-te

**Sobre** [Ver tudo](#)

11 343 pessoas gostam disto, incluindo 71 dos seus amigos

11 800 pessoas seguem isto

<http://www.valoreconomico.co.ao/>

936272323

Enviar mensagem

Empresa de comunicação e notícias

**Fotos** [Ver tudo](#)



Edição 212 Partilhas 77 Likes 968

Entre os temas da capa número 211 do Valor Económico, o mais comentado na página do VE no Facebook foi a entrevista a Sérgio Raimundo, advogado, em que faz referência à impossibilidade de garantir a separação de poderes neste momento em que se discute a redefinição do papel do Tribunal Constitucional e às falhas do combate à corrupção na forma em que ocorre. O segundo tema mais comentado foi a alienação da participação do Estado no Banco BAI, o banco que mais cresce entre os cinco maiores da praça nacional, temas que em conjunto reuniram mais de 10 mil reacções, comentários e partilhas.

Os comentários são seleccionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico.

Gralhas e discussões pessoais são editadas para publicação.

Leia na íntegra em [www.valoreconomico.co.ao](http://www.valoreconomico.co.ao)

## Facebook/Comentários



**Samy Samanhonga Samue** Aconselho a lerem.



**Saturnino Luís Teobriel Hinaundafa** Realmente, o Sr. Sérgio Raimundo esteve muito bem nas suas abordagens e, fez menção de aspectos que de certa forma inviabilizam inúmeros programas, que têm sido gizados pelos órgãos da máquina estatal, desde os legislativos, judiciais e executivos e, corroboro com as suas análises.



**Daniel Oliveira Oliveira** Tendência para impunidade...



**Palmeiro Francisco** Isso seria porta aberta à falta de isenção na justiça!



**Justino André** Tudo feito como formas de enganar o chefe



**Pedro Mbiyeyi** Plágio nunca vai com a realidade do país é uma cópia de Portugal



**Zeca Branco Dias** Leiam Sutherland e perceberão que as leis feitas com gralhas graves, são elaboradas com o propósito de proteger as elites. Amnésia antropológica



**Helder Tuiapeni** Agora é que o banco BAI não vai dar cartões visa para ninguém sem as divisas kkkkk BAI já era



**Lenvo Joao Raul Bubuzi** O que é rentável deve ficar para o Estado. Porquê vender???? Toda a participação rentável deve ficar para o Estado para dar dinheiro ao OGE... Não sou Economista...



**Divaldo Cruz** Participação rentável!



**Filipe Rescova Rescova** Divaldo Cruz rentável? O Estado não pode ser árbitro e jogador.



**Divaldo Cruz** Filipe Rescova Rescova o BAI foi criado pela Sonangol e alienado a custo zero.



**Lenvo Joao Raul Bubuzi** Alienado a quem???



**Prudêncio Altino** Gostei da sua abordagem, menos da forma como está usar a máscara...



**Andre Epalanga** Um dos melhores advogados de Angola

O QUE É  
ESSENCIAL  
NOS DIAS  
DE HOJE?

96.1 fm



# Covid-19

SEGUNDO PESQUISADORA

## Medidas em Angola são “insuficientes”

A investigadora Paula Cristina Roque considerou que as iniciativas do Presidente de Angola para combater a crise no país são “insuficientes”, mas ressaltou que ainda há tempo e que as acções agora “definirão o seu legado”.

Num artigo publicado no site do Instituto de Estudos de Segurança da África do Sul, a investigadora escreve que Angola, como muitos outros países africanos, está a enfrentar desafios “aparentemente inultrapassáveis”, apontando a descida dos preços das matérias-primas, nomeadamente o petróleo, a pandemia da covid-19 e a quebra “muito significativa” das receitas que torna “muito difícil” a execução dos compromissos financeiros e, ao mesmo tempo, a implementação de programas sociais que combatam os efeitos da pandemia. “O Governo está sob críticas generalizadas por parte da sociedade civil devido à abordagem dura por parte das forças de segurança e falta de soluções para as pessoas que não têm comida; muitas escolheram desafiar as restrições, preferindo morrer da doença a morrer de fome”, sublinha a analista.

Entre os que considera “erros na gestão da pandemia”, Paula Cristina Roque aponta a disponibilização de 420 milhões de dólares para ajudar 1,6 milhões de famílias, mas sem informação sobre como vão as pessoas beneficiar do programa.



SEGUNDO UM INQUÉRITO

## Apenas um terço com água canalizada em casa

Em Angola, só três em cada 10 pessoas têm água canalizada na residência, enquanto metade não tem acesso à ligação eléctrica da rede pública, revelou hoje um inquérito.

Realizado pela Afrobarometer, uma rede de pesquisa pan-africana e não partidária que fornece dados quantitativos sobre a vivência e avaliação dos africanos da democracia, da governação e da qualidade de vida, o inquérito indicou que as dificuldades no acesso à água canalizada estão a preocupar muitos angolanos por causa da pandemia da covid-19.

O primeiro inquérito do Afrobarometer em Angola observa, nas conclusões, que 13% obtém água para o consumo doméstico do chariz ou poço com tubo ou manivela. “Os residentes das zonas urbanas têm quatro vezes mais hipóteses de usufruir de água canalizada no interior das residências ou quintais do que os residentes das zonas rurais”, lê-se no texto, que acompanha as principais conclusões do inquérito.

Em Luanda, menos de metade (44%) dos residentes dispõe de água canalizada no interior das residências ou quintais, atesta ainda o levantamento.

INICIATIVA EMPRESARIAL

## Concertos online para ajudar artistas

A empresa Soba Empreendimentos realizou, em Luanda, vários concertos e espetáculos online pagos para “ajudar artistas e criadores de conteúdos a rentabilizarem os seus trabalhos digitais”, devido à covid-19.

O primeiro concerto online pago por usuários de internet foi a 30 de Maio e os três últimos decorreram no último fim-de-semana. No global, mais de 200 pessoas adquiriram ingressos online pelo site [www.soba-store.com](http://www.soba-store.com). “É um projecto cujo objectivo principal é ajudar os artistas e criadores de conteúdos de uma forma geral a rentabilizarem os trabalhos, também educar a população que faz uso da internet, que tem poder de compra, a consumir material pago online e em kwan-

zas”, declarou à agência Lusa Cláudio Fernando Kiala, da Soba.

O rapper CFKAPPA apançou que a firma gestora da plataforma Soba Channel é acreditada pela banca e tem estrutura de pagamentos que permite a qualquer utente de internet ter “gratuitamente uma carteira digital”. O mecanismo visa “atingir essas pessoas que se enquadram nesse grupo e permitir que se gere nelas uma facilidade e necessidade de consumir material pago feito em Angola, desde concertos, palestras e outros conteúdos online”, explicou. Cláudio Fernando Kiala realçou que todos os conteúdos da Soba Channel são limitados aos ingressos existentes e “exclusivos para as pessoas que os adquirem”.

**ANGOLA RECUPEROU** entre os dias 8 e 9, o maior número de casos recuperado em 24 horas, foram no total 14 pacientes.

REINO UNIDO

## Companhias aéreas contestam quarentena

As companhias de aviação e de turismo, no Reino Unido, estão a contestar a decisão do governo de impor quarentena obrigatória de 14 dias a todos os passageiros, residentes ou não, provenientes do estrangeiro.

As companhias aéreas British Airways, EasyJet e Ryanair apelaram, no entanto, ao Governo para que abandonasse a prática que consideram “ineficaz” e que “terá efeito devastador na indústria do turismo britânico e destruirá milhares de postos de trabalho”.

As autoridades, por sua vez, notam que a medida pretende evitar a importação de novos casos de covid-19, numa altura em que as restrições começam a ser levantadas. “Vamos introduzir a quarentena porque o número de infecções diminuiu no Reino Unido, mas a proporção proveniente do estrangeiro aumentou”, justificou o ministro da Saúde, Matt Hancock, à estação de televisão Sky News.

O país regista o segundo balanço mais elevado de mortes pela doença, a nível global, a seguir aos Estados Unidos.



SEGUNDO O INEM

## Número de casos em São Tomé “pode ser maior”

A prevalência da covid-19 em São Tomé e Príncipe pode ser “muito maior” do que os números dos testes rápidos realizados pelas autoridades sanitárias, admitiu a responsável da equipa do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) português, remetendo o esclarecimento da hipótese com a realização de mais testes.

A médica portuguesa notou que, por agora, são conhecidos os resultados dos casos suspeitos e dos que têm sido testados, e se aguarda para “poder ter maior capacidade de diagnóstico”.

Há três semanas em São Tomé, a equipa do INEM ajudou a capacitar os quadros locais que trabalham na luta contra o novo coronavírus, tendo reunido com o embaixador de Portugal naquele país para o balanço da sua missão.

Nas contas finais, Ana Correia referiu que a equipa regressa a Portugal, mas vai “continuar remotamente” a dar apoio a São Tomé na parte clínica e na formação.

FACE À INFORMAÇÃO OFICIAL “DIVERGENTE”

## Comunicação social anuncia parceria por dados fiáveis

Os principais órgãos de comunicação social do Brasil anunciaram uma parceria para recolher e divulgar dados da pandemia da covid-19 colocados em causa, por conta das mudanças promovidas pelo governo brasileiro, que divulgou dados divergentes no domingo, 7.

A parceria contará com os jornais ‘O Estado de S. Paulo’, ‘Folha de S. Paulo’, ‘Extra’, empresas do Grupo Globo (jornal ‘O Globo’, portal de notícias ‘G1’, ‘TV Globo’ e ‘Globo News’) e do portal da internet ‘UOL’, que decidiram colaborar na recolha de informações necessárias nos 26 estados do Brasil e no distrito federal.

Os meios de comunicação social informaram que a parceria é uma resposta à decisão do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, de restringir o acesso a dados sobre o avanço da pandemia provocada pelo novo coronavírus no país.

O Ministério da Saúde deveria ser a fonte natural destas informações, mas os ‘media’ destacaram que atitudes recentes tomadas pelo governo colocam em causa a disponibilidade e precisão dos dados. “Numa sociedade organizada como a brasileira, é praticamente impossível omitir ou desfigurar dados tão fundamentais quanto o impacto de uma pandemia. Com essa iniciativa conjunta de levantamento de dados com os estados, deixamos claro que a imprensa não permitirá que os nossos leitores fiquem sem saber a extensão da covid-19”, afirmou Sérgio Dávila, director de redacção do Folha.



ERGUIDO EM VIANA, LUANDA

## Novo centro para tratamento da pandemia

Foi inaugurada uma nova unidade especializada no combate à covid-19, com investimento de três mil milhões de kwanzas, em Viana, Luanda.

O investimento é da Sonangol e tem uma capacidade de 91 camas, 30 das quais para doentes em estado crítico.

No acto, o Presidente da República considerou a unidade erguida em 27 dias “muito bem equipada”, em meios e profissionais, numa área de 3.600 metros quadrados de um antigo centro logístico da Sonangol, composto por 32 naves, três das quais adaptadas para albergar a unidade hospitalar. As instalações, além da capacidade de internamento, dispõem de um serviço de laboratório, de imagiologia e outros serviços clínicos prestados por quadros técnicos.

EM 24 HORAS

## Espanha sem mortos por covid-19

A Espanha, um dos países mais afectados pela pandemia da covid-19, ficou 24 horas (entre domingo, 7, e segunda, 8,) sem qualquer registo de óbito, mantendo-se em 27.136 o número total de mortes desde o início da pandemia, de acordo com o Ministério da Saúde. Até então, estavam contabilizados 56 óbitos em sete dias.

Com o número total de infectados próximo dos 242 mil, os dados oficiais indicam que já passaram pelos hospitais cerca de 125 mil pessoas com a doença, tendo dado entrada na última semana 145.

As autoridades alertam, no entanto, para a possibilidade de discrepância nos números, visto que os serviços sanitários espanhóis recebem diariamente os números notificados pelas 17 comunidades autónomas do país que também fazem acertos em relação aos comunicados nos dias anteriores.

# Ambiente

PARA COMBATER ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

## África subsariana precisa de 500 mil milhões até 2030

**CLIMA.** FMI diz que alterações climáticas e os desastres naturais matam pelo menos mil pessoas e deixam 13 milhões vulneráveis a acidentes, perda de casa, insegurança alimentar ou sem água ou saneamento básico.



O FMI diz que as necessidades de financiamento se centram entre os 300 e os 500 mil milhões de dólares, por ano.

Por Redação

O Fundo Monetário Internacional (FMI) disse que os países da África subsariana vão precisar de até 500 mil milhões de dólares nos próximos dez anos para se adaptarem às alterações climáticas e garantirem a segurança alimentar.

De acordo com um documento recentemente publicado sobre o impacto das alterações climáticas nesta região, o financiamento necessário equivale a

cerca de dois ou 3% da riqueza regional e seria bem mais produtivo do que a ajuda externa para combater os efeitos e, em última análise, aumentar o crescimento económico e reduzir as desigualdades. No capítulo das Perspectivas Económicas Regionais dedicado às alterações climáticas, o FMI diz que as necessidades de financiamento se centram entre os 300 e os 500 mil milhões de dólares, por ano, mas enfrentam dificuldades orçamentais por parte dos governos. “Apesar dos benefícios, a adaptação financeira é desafiante para os países da África subsariana limitados pelos estrangulamentos orçamentais”, lê-se no documento a que a Lusa teve acesso, que

# 240

Milhões número de pessoas com fome na região onde mais de 70% da população enfrenta dificuldades no acesso a alimentos.

acrescenta que “muitos destes países já enfrentam uma vulnerabilidade média a elevada à dívida, que foi ainda mais agravada pelos altos custos de contenção e gestão da pandemia da covid-19”.

Num artigo publicado no blog oficial do FMI, que acom-

panha a divulgação do capítulo, os economistas Pritha Mitra e Seung Mo Choi notam que a pandemia “é apenas a última catástrofe” a atingir a região, aumentando para 240 milhões o número de pessoas com fome numa região onde, nalguns países, mais de 70% da população enfrenta dificuldades no acesso a alimentos.

As alterações climáticas e os desastres naturais matam pelo menos mil pessoas e deixam 13 milhões vulneráveis a acidentes, perda de casa, insegurança alimentar ou sem água ou saneamento básico, diz o FMI, concluindo que estes acontecimentos causaram pelo menos 520 milhões de dólares em danos económicos anuais.

SEGUNDO O COPERNICUS

## Maio foi o mês mais quente já registado

Maio foi o mês mais quente registado em relação ao mesmo período nos anos anteriores no planeta, segundo o serviço europeu de mudanças climáticas Copernicus, que registou temperaturas muito acima do normal, especialmente no Ártico.

“O mês de Maio foi 0,63°C mais quente do que a média no mesmo mês dos anos 1981-2010, o que o torna o mês de Maio mais quente desde o início da recolha de dados”, à frente de Maio de 2016 e Maio de 2017, divulgou sexta-feira o Copernicus num comunicado.

Temperaturas mais altas do que o normal e até “muito anormais” foram registadas na Sibéria, com quase 10°C acima do normal. No Noroeste da região, a quebra de gelo nos rios Ob e Yenisei (Sibéria) nunca havia começado tão cedo, disse o Copernicus. A primavera também foi particularmente amena em grande parte da região do Ártico, nomeadamente no Oeste do Alasca, e na Antártida. Globalmente, o serviço europeu destaca que os últimos doze meses (Junho de 2019 a Maio de 2020) igualam o período do ano mais quente já registado (Outubro de 2015 a Setembro de 2016), com 0,7°C acima do normal.

Devido ao aquecimento global causado pelas emissões de gases com efeito de estufa produzidas pelas actividades humanas, o planeta já ganhou mais de 1°C desde a era pré-industrial, causando uma multiplicação de eventos climáticos extremos como ondas de calor, secas ou inundações.

# Marcas & Estilos



## Luxos resistentes

O colar da Grey Choker é feito com material de alto desempenho especialmente desenvolvido para jóias. É altamente resistente à queda e a intempéries e apresenta textura ultra-fina. É produzido à mão, o que dá a cada peça uma pequena variação em termos de cor.



## Sensação única

Este jogo de copos da The Pineapple Co, apresenta uma tampa removível que se inverte como suporte para servir a sua bebida favorita. Disponha de alguns itens e experimente um gole com sensação totalmente única e perfeita para qualquer ocasião.



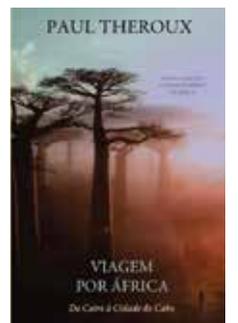
## Estilo e durabilidade

Esta pasta da Balmorhea foi feita a pensar nas viagens curtas, mas também mais longas, daí a confecção à mão para criar uma mochila perfeita, que engloba estilo e durabilidade. E pronta para qualquer lugar.

## LIVROS



**APRESENTAÇÃO DO ROSTO**, de Herberto Helder, é um texto que se destina à consagração do silêncio. A gente já pensou tanto, já teve mãos por tantos lados, já dormiu e acordou, bom seria imaginar o espírito apaziguado, a reconciliação do pensamento com a matéria do mundo.



**NESTA VIAGEM**, Paul Theroux parte do Cairo rumo à Cidade do Cabo. Viajando através do mato e do deserto, descendo rios, atravessando lagos e países, visita algumas das mais deslumbrantes paisagens da Terra.

## AGENDA

### LUANDA

#### DESDE 8 DE JUNHO

Estão reabertos os museus, teatros, monumentos e estabelecimentos similares e também podem ser realizadas feiras de cultura e exposições.

#### 9 DE JUNHO

Canções de Esperança, concerto online a partir da página [www.facebook.com/filhodaobediencia/](https://www.facebook.com/filhodaobediencia/), das 13 às 14h30.

#### 12 DE JUNHO

Conferência sobre governação e integridade corporativa, no hotel Trópico, a partir das 9 horas.

#### 21 DE JUNHO

Moda Luanda virtual 2020. Num evento único e inovador organizado pela Step.

## TURISMO

### Cenário tranquilo e encantador

É uma das ilhas mais requintadas da Tailândia. Com praias de areia branca, barreiras corais e uma bela paisagem repleta de coqueiros, Koh Samui é considerada o destino ideal para quem procura a paz num cenário encantador. A ilha, até 1970, não era mais do que uma enorme plantação de nozes de coco. A riqueza dos ingredientes, o requinte da apresentação, uma grande criatividade, o exotismo fazem da gastronomia tailandesa uma das mais ricas do Oriente.



## AUTOMÓVEL

### Tudo bons motivos

Um produto da história  
Apesar das incertezas quanto ao futuro, hoje a indústria automóvel apresenta uma saúde de 'ferro'. A Volkswagen – apesar dos problemas com o escândalo das emissões – as vendas continuam em bom plano e prometem aumentar as vendas. Naturalmente, entre estas novidades, destaca-se o arranque da produção do T-Roc, modelo produzido na Autoeuropa.

## NÚMEROS DA SEMANA

10

Mil, é o número de funcionários que a petrolífera BP vai despedir pelo mundo por causa da covid-19, segundo o CEO da empresa, Bernard Looney, numa carta à equipa.

18

Mil milhões de kwanzas, é o montante que o BPC pretende gastar para pagar indemnizações aos trabalhadores que o banco prevê despedir nos próximos três anos.

19,1

Mil milhões de kwanzas, foi o valor de prémios brutos emitidos, em 2019, pela seguradora Nossa Seguros, com um aumento de 61%.

6,9

Mil milhões de kwanzas, fundos arrecadados via portal do município o ano passado, segundo o Ministério das Finanças.

## AQUISIÇÃO DE BENS E SERVIÇOS

## Limite do pagamento inicial passa para 50%

O limite do pagamento inicial (down payment) para os contratos de aquisição de bens e serviços passa de 15% para 50%, mantendo-se em 15% para os contratos de empreitadas de obras públicas, de acordo com as Regras Anuais de Execução do Orçamento Geral do Estado (RAEOGE) para o exercício económico de 2020.

Entre as alterações, as novas regras aumentam em 75% o limite dos administradores municipais para a autorização de despesas, passando de mil milhões de kwanzas para 1,75 mil milhões. De acordo com instrutivo do Ministério das Finanças, as RAEOGE para o Exercício Económico de 2020 estipulam que a receita a reverter às Unidades Orçamentais (UO) é fixada em 60%. Os restantes 40% vão para a Conta Única do Tesouro (CUT), quando nada estiver fixado nos respectivos estatutos ou diplomas de fixação das taxas. É ainda definido que “o Ministério das Finanças deverá anular, ao invés de cativar, as dotações orçamentais de todos os projectos de investimento público cujos vistos aos contratos sejam recusados pelo Tribunal de Contas”.

Entre outras medidas, as novas regras condicionam “a afectação de recursos financeiros para o mês seguinte para as UO e seus órgãos dependentes que não submetam o relatório de prestação de contas, em obediência ao princípio da transparência”, definindo que devem ser remetidos à Inspeção-Geral da Administração do Estado as (Igae) facturas ou documentos equivalentes enviados fora do prazo para pagamento das despesas. As Finanças recordam, entretanto, que as demais regras estabelecidas no diploma continuam a vigorar e recomendam aos gestores orçamentais o “correcto domínio das mesmas”.



DEPOIS DE TER GASTO 24,9 MILHÕES USD NA COMPRA

## PR autoriza 559 milhões kz para a reabilitação das casas do Calumbo

O Presidente República autorizou, em despacho 79/20, uma despesa de cerca de 560 milhões de kwanzas para a reabilitação das 200 casas do Calumbo, cuja compra custou 24.976.189 de dólares ao Estado. Além desse valor, João Lourenço autorizou também o desbloqueamento de 33.906.766 de kwanzas, para a construção no terreno infra-estruturado da mesma circunscrição. De acordo com o diploma, ambas as obras servem para a edificação de um centro especializado para o tratamento de epidemias e pandemias, como a da covid-19. Entretanto, a compra das 200 casas, ocorrida em Maio último, suscitou muitas críticas ao Governo. Em seus discursos de insatisfação face à medida, quer os partidos na oposição, quer observadores da sociedade civil, consideraram o negócio “escan-

daloso”, dado que as residências estariam avaliadas em oito milhões de kwanzas cada uma, o que teria custado aos cofres do Estado apenas 1,6 mil milhões de kwanzas, ao contrário dos pouco mais de 14,4 mil milhões de kwanzas gastos.

No momento, boa parte das residências está degradada e rodeada de capim e em aparente estado de abandono. Ao local acede-se através de uma única estrada com asfalto em degradação. Entretanto, embora tenha sido imensamente criticado, sobretudo face ao valor financeiro investido, numa fase em que se apregoa o combate à corrupção e a outras más práticas de gestão da coisa pública, o Governo manteve o negócio e, em decreto, justificou a medida com a “insuficiência de infra-estruturas adequadas a nível nacional, para dar resposta a graves calamidades de saúde pública e pandemias”.

Antunes Zongo